



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**A EMANCIPAÇÃO DA MENINA NA OBRA DE ANA MARIA MACHADO: leitura de
*Bento-que-bento-é-o-frade***

FRANCISCA JULIA MENDES DE SOUSA

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2017**

FRANCISCA JULIA MENDES DE SOUSA

**A EMANCIPAÇÃO DA MENINA NA OBRA DE ANA MARIA MACHADO: leitura de
*Bento-que-bento-é-o-frade***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vaneide Lima Silva.

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725e Sousa, Francisca Julia Mendes de.
A emancipação da menina na obra de Ana Maria Machado [manuscrito] : Leitura de Bento-que-bento-é-o-frade / Francisca Julia Mendes de Sousa. - 2017.
38 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Vaneide Lima Silva, Coordenação do Curso de Letras - CCHA."
1. Narrativa. 2. Perfil feminino. 3. Ana Maria Machado. I.
Título

21. ed. CDD 372.4

**A EMANCIPAÇÃO DA MENINA NA OBRA DE ANA MARIA MACHADO: leitura de
*Bento-que-bento-é-o-frade***

FRANCISCA JÚLIA MENDES DE SOUSA

APROVADO EM: 15 de dezembro de 2017.



Prof^a. Dr^a. Vaneide Lima Silva
Orientadora - UEPB/CAMPUS IV



Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade
Examinador - UEPB/CAMPUS IV



Profa. Ma. Aldenice Barbosa dos Santos
Examinador – UEPB/CAMPUS IV

Dedico este trabalho em memória da minha amada Tia Edite Roque da Silva, pois sem ela eu nada seria.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ter me proporcionado a realização deste trabalho.

A Universidade Estadual da Paraíba, especialmente seu corpo docente, direção e administração, que estiveram presentes nesta caminhada.

A minha orientadora Vaneide, que apesar do pouco tempo soube dar total apoio e que acima de tudo é um dos maiores exemplo que tenho neste curso, pois és sem dúvida uma pessoa muito especial, capaz de trazer alegria com a simples e majestosa leitura do poema “Onde Tá Tu Tatu” de José Paulo Paes, que trouxe tantos sorrisos para as diversas tardes que estive em sua companhia.

A minha tia Edite, amada, respeitosa e consagrada mãe, que apesar de não ser sua filha biológica me deu todo amor, carinho e cuidado que um ser humano pode querer.

A meus filhos David, Nicolas e Helena, pelo simples fato de existirem, pois foram seus sorrisos que me mantiveram de pé.

A meu amado marido, que teve toda paciência do mundo ao me ver passando noites e noites acordadas e que apesar do meu estresse não deixou de estar ao meu lado nesta caminhada.

A meu amigo e compadre Glênio, que esteve comigo durante todo este percurso, trazendo diversos sorrisos, alegrias, caronas, festas e, acima de tudo, tornando-se um irmão que estará comigo para o resto da vida.

A minha amiga e comadre Erica, que é o oposto do que eu sou, mas que sem ela a minha vida não seria tão animada.

A minha amiga Rita, pelas bebedeiras, pelos desabafos, pelos gritos e principalmente por ser essa pessoa tão especial.

Aos meus amigos Juliana, Wesley, Caique e Elane, que souberam me aturar, compreenderam como eu sou, não me deixaram desanimar nos momentos mais difíceis, trouxeram sorrisos para minha vida quando ela era apenas lágrimas, tornando-se assim parte da minha vida.

A minha mãe, que apesar de longe esteve ao meu lado, demonstrando que não há distância que o amor não supere.

A minha querida turma 2013.2 na qual encontrei pessoas maravilhosas.

Aos meus mestres, que trouxeram tanta sabedoria para minha vida.

A meu amigo Neto, que soube escutar, aconselhar e que esteve durante esses quatro anos todas as tardes comigo.

As minhas amigas Aparecida, Fagristia, Vaneria e Priscila, que chegaram agora, mas já se tornaram muito especiais, adoro vocês.

“[...] a criança é um ser para quem a ficção corresponde à natural necessidade de compreender o mundo. O que as histórias contam à criança permite um estilhaçar de paredes de vidro que a limitam, levando-a a penetrar num mundo que quer conquistar, mas também lançam luz em zonas obscuras do seu íntimo, clarificando dúvidas, desfazendo medos, construindo, enfim, uma identidade”.

(Veloso, 2005)

RESUMO

O universo infantil se caracteriza por sua natureza lúdica e, portanto, muito rica e propícia ao imaginário, constituindo terreno fértil para o alimentarmos por meio da literatura, já que esta representa o efabulado com o qual o homem necessita manter contato ao longo da sua existência, configurando, assim, conforme defende Candido (2004), um bem indispensável na formação do homem e, portanto, um direito inalienável. Como toda literatura, a que se volta para o público infantil se realiza em todos os gêneros. No caso da narrativa para crianças, as histórias possibilitam aos pequenos leitores adentrarem num universo ficcional capaz de fazê-las vivenciar experiências próximas às suas, querer ou realizar conquistas que também podem se aproximar das suas, permitindo-lhes, desse modo, a construção de sua própria identidade. Sendo assim, consideramos de fundamental importância a leitura de narrativas como as de Ana Maria Machado, autora que se destaca no campo da Literatura infanto-juvenil por criar narrativas que protagonizam personagens femininas de caráter e emancipador. Através de uma linguagem simples, espontânea e criativa, a autora se destaca pela maneira lúdica com que discute a identidade infantil, temas do cotidiano em geral, mas, principalmente, por colocar em destaque a menina na literatura. O perfil feminino, reiteramos, permeia sua obra, ocupando um lugar central, e a postura de seus personagens chama a atenção pela maneira questionadora, inteligente e crítica com que se comportam. É o caso de Nita, personagem de uma de suas primeiras narrativas – *Bento-que-Bento-é-o-frade* (2003), cuja leitura despertou o interesse em querer desenvolver uma análise em torno dessa narrativa, trabalho que resultou neste artigo. Objetivamos, especificamente, identificar e caracterizar a protagonista Nita, construindo seu perfil. A análise nos permitiu identificar a força emancipadora do personagem feminino na narrativa de Ana Machado. Como se trata de um estudo de crítica literária – caracterizando um estudo de base bibliográfica, recorreu-se aos estudos de Coelho, (2000), Cunha (2003), Lajolo (2004), dentre outros.

Palavras-chave: Narrativa. Perfil feminino. Ana Maria Machado.

ABSTRACT

The infant universe is characterized by its playful nature and, therefore, very rich and propitious to the imaginary, constituting fertile ground to feed it through literature, since this represents the phenomenon with which man needs to maintain contact throughout his existence, thus configuring Candido (2004), an indispensable asset in the formation of man and, therefore, an inalienable right. Like all literature, the one that turns to the infantile public is realized in all the genres. In the case of children's narrative, stories allow small readers to enter into a fictional universe capable of making them experience experiences close to their own, wanting or achieving conquests that can also come close to their own, allowing them, in this way, to construct their own identity. Therefore, we consider reading of narratives such as those of Ana Maria Machado, an author who stands out in the field of children's literature, to create narratives that characterize female characters of character and emancipation. Through a simple, spontaneous and creative language, the author stands out for the playful way in which she discusses children's identity, themes of daily life in general, but mainly for highlighting the girl in literature. The female profile,

we reiterate, permeates her work, occupying a central place, and the posture of her characters draws attention by the questioning, intelligent and critical way in which they behave. This is the case of Nita, the character of one of her earliest narratives - *Benedict-Bento-is-the-friar* (2003), whose reading aroused interest in wanting to develop an analysis around this narrative, a work that resulted in this article. We specifically aim to identify and characterize the protagonist Nita, building her profile. The analysis allowed us to identify the emancipating force of the female character in Ana Machado's narrative. As it is a study of literary criticism - characterizing a bibliographical study, we used the studies of Coelho, (2000), Cunha (2003), Lajolo (2004), among others.

Keywords: Narrative. Profile female. Ana Maria Machado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A NARRATIVA PARA CRIANÇAS: aspectos teóricos	12
1.1 A importância da narrativa na formação de leitores	12
1.2 Elementos indispensáveis na narrativa para crianças	15
2 SOBRE A PRODUÇÃO DE ANA MARIA MACHADO	20
3 IDENTIFICANDO OS TRAÇOS DE EMANCIPAÇÃO DA MENINA DE ANA MARIA MACHADO: leitura de <i>Bento-que-bento-é-o-frade</i>	26
3.1 Recontando o texto: <i>Bento-que-bento-é-o-frade</i>	26
3.2 A construção da identidade da personagem Nita	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIA	36

INTRODUÇÃO

De um modo geral a crítica observa que a literatura infantil surge com a função de educar moralmente a criança, de modo que os textos são marcados por um forte moralismo, uma vez que sua intenção era formativa, ou seja, objetivava enquadrar a criança no contexto adulto. Por isso, embora apresentassem elementos que pertenciam ao universo infantil, a intenção era formativa. Os textos literários infantis do século XVII tinham como principal função educar moralmente a criança, sendo assim os textos possuíam uma estrutura maniqueísta, com propósito de demonstrar o caminho certo a ser seguido, separando o bem do mal, de maneira que traziam uma moral a ser aprendida. Contavam com elementos que aproximavam a criança do texto, tais como animais como personagens, um certo teor de fantasia, mas não permitiam que a criança se visse representada nas situações criadas, uma vez que o propósito dos autores era fazer com que a criança assimilasse a mensagem dos textos, utilizando em sua vida prática os valores postos nas histórias.

Aqui no Brasil Monteiro Lobato é quem inaugura uma literatura preocupada em fazer com que a criança se identifique com as obras. Ao criar o mundo mágico do Sítio do Pica Pau Amarelo, o escritor dá vez e voz ao ser infantil, criando situações em que a fantasia, a brincadeira, e, sobretudo, o olhar da criança para o mundo se faz representar. Esta passa a ser tratada como um leitor, capaz de formular sua própria interpretação e tendo sua visão de mundo respeitada. Lobato instaura uma nova maneira de fazer literatura infantil, criando um lastro de obras que influenciarão mais tarde escritores como Ana Maria Machado.

Na esteira de Lobato, essa escritora cria nos anos 70 uma obra em que a criança se sente representada, criando enredos que revelam a beleza de ser criança e personagens que encantam por seu posicionamento crítico. Ana Maria Machado é detentora, segundo a crítica em geral, de uma escrita majestosa, seus textos possuem uma linguagem clara que aproxima o leitor do texto, traz personagens marcantes, além de trazer a representação do imaginário infantil de forma real, problematizando questões que permeiam o contexto da criança, suas dúvidas, seus anseios.

A autora possui diversas obras publicadas, dentre elas tivemos acesso recentemente, ao cursar a disciplina Literatura Infanto-Juvenil, a *Bisa, bia, bisa, bel; Bem do seu tamanho; Menina bonita do laço de fita* e *Bento-que-bento-é-frade*. (tem

que indicar o ano de publicação dessas obras) Todas trazem personagens femininas como protagonistas, meninas marcantes, que tem dúvidas e anseios e que usam de sua imaginação e de sua determinação para solucionar seus problemas.

Dentre elas destacamos Nita, protagonista da obra *Bento-que-bento-é-frade*, garota sonhadora, que não quer ser mandada nem tão pouco seguir regras, mas com o auxílio da sua imaginação é capaz de interpretar de diversas formas diversos discursos. Nita possui uma destreza no que diz respeito a linguagem, consegue formular significados além dos óbvios. Sai em busca de aventura e por meio dos amigos que encontra no decorrer do enredo evolui e torna-se cada vez mais emancipada.

Nossa pesquisa objetiva justamente analisar o perfil da personagem Nita, demonstrando o quanto esta figura é emancipada enquanto criança, de maneira que a menina constrói a sua própria forma de agir e pensar, não se assujeitando às imposições da vida, muito ao contrário, ela modifica o seu contexto por meio da sua forma de pensar. É justamente esta maneira diferenciada que torna Nita tão especial, pois por meio de seus pensamentos a menina demonstra o quanto a vida é bela, o quanto é possível sonhar, brincar e agir quando não estamos presos a um enquadramento social no qual cada sujeito já é moldado de uma única forma, aquela em que a hierarquia e as regras são a única forma de respeito e de desenvolvimento.

Para a realização deste estudo, que do ponto de vista metodológico se caracteriza por uma pesquisa de base bibliográfica, estruturamos o trabalho em três partes: na primeira, trazemos algumas abordagens relacionadas à leitura e sua importância na formação leitora, destacando a importância da narrativa nesse processo formativo; a segunda parte é dedicada a uma apresentação da escritora Ana Maria Machado e, na terceira parte, realizamos a análise do enredo de *Bento-que-Bento-é-o-frade*, detendo-nos na construção do perfil de Nita.

1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A NARRATIVA PARA CRIANÇAS: aspectos teóricos

1.1.A importância da narrativa na formação de leitores

Todos os indivíduos trazem consigo para a escola uma bagagem referente à leitura, visto que desde pequenos começamos a ler tudo o que está em nossa volta, de forma que nosso subconsciente passa a ler características de determinados objetos, pessoas, lugares, etc. Por meio dessa leitura aprendemos a armazenar informações que auxiliam na nossa formação leitora, ação que pode ser nomeada como leitura visual. Em relação a esse tipo de interpretação podemos destacar que o mesmo pode sofrer diversas inferências, visto que o contexto, o emocional, dentre outros elementos, interferem na nossa interpretação. Tal afirmação fica clara no seguinte trecho de Pillar (2006, p. 13):

O observável tem sempre a marca do conhecimento, da imaginação de quem observa, ou seja, depende das coordenadas do sujeito, das estruturas mentais que ele possui no momento, as quais podem modificar os dados. Assim, duas pessoas podem ler uma mesma realidade e chegar a conclusões bem diferentes. Isto porque, o que o sujeito apreende em relação ao objeto depende dos instrumentos de registro, das estruturas mentais, das estruturas orgânicas específicas para o ato de conhecer, disponíveis naquele momento.

De acordo com a representação da autora podemos compreender que o indivíduo pode chegar a diversas interpretações de um mesmo texto (imagem), de forma que o sujeito que ler pode trazer para sua interpretação marcas de sua vivência. Sendo assim, podemos dizer que a imaginação pode e faz parte dessa leitura, pois ao lermos uma imagem podemos ir além de tudo o que está dito na tela, no objeto, no retrato, na pessoa. Dessa forma, nossa imaginação permite ir além do óbvio, permite enxergar o que nosso olhar não vê de imediato, possibilitando interpretarmos um objeto de diversos ângulos, pois

Ao ler estamos entrelaçando informações do objeto, suas características formais, cromáticas, topológicas; e informações do leitor, seu conhecimento acerca do objeto, suas inferências, sua imaginação. Assim, a leitura depende do que está em frente e atrás dos nossos olhos (PILLAR, 2006, p. 12).

Seguindo essa linha de pensamento, podemos perceber que o ato de interpretar depende da forma e de como observamos o texto ou a imagem. Dessa maneira, um mesmo texto pode ter diversas interpretações feitas por uma única pessoa, pois com o passar do tempo o texto pode apresentar um novo sentido para aquele leitor, visto que à medida em que vamos desenvolvendo nosso cognitivo modificamos nossa forma de interpretar, ou seja, de ler. A leitura não é algo mecânico, mas sim uma forma de expressar e de analisar pensamentos, os nossos e do autor. Pois o texto é uma representação do pensamento do autor que interage com o pensamento do leitor e assim formam uma interpretação. Dessa forma podemos compreender que para que um texto crie vida ele necessita ser pensado e analisado tanto pelo autor quanto pelo leitor.

Para que um texto tome vida, há que o leitor não só reconheça as informações pontuais nele presentes, mas que aprenda quais sentidos foram produzidos por quem as escreveu. Levantar hipóteses e produzir inferências, antecipe aos ditos no texto e relacione elementos diversos, presentes no mesmo ou que façam parte das suas vivências como leitor. Ao assim proceder, o leitor compreenderá informações ou inter-relações entre informações que não estejam explicitadas pelo autor do texto. Por isso, a leitura é uma produção: a construção de sentido se atrela à realização de pelo menos esses processos, por parte do leitor. A compreensão do texto lido é resultante dessas produções: prévias, por parte de quem as escreveu, e das que ocorrem ao ler, por parte do leitor (PULLIN E MOREIRA, 2008, p. 35)

Podemos perceber que o texto é uma junção de saberes, de ideias, visto que consideramos texto aqui enquanto um espaço de interação entre o autor e o leitor. No meio em que vivemos existem milhões de textos ao nosso redor, sejam eles, verbais ou não-verbais. Dessa forma, o ato de interpretar é algo que se torna necessário em nossa vida, interpretamos placas, textos, quadros, mensagens, livros, dentre outros suportes textuais. Colocamos aqui como suporte, pois para que se tenha um texto necessitamos de um gênero e de uma tipologia. Sendo assim, no momento de criação de um texto, analisamos diversos aspectos, o gênero a qual pertencerá, a tipologia textual que vamos utilizar, a linguagem, a estrutura, as imagens, o público a qual será destinado, dentre outros elementos, que compõem a estrutura textual.

Podemos compreender que um texto necessita ser pensado antes da sua construção, pois existem diversos elementos como citado anteriormente que

permeiam a sua elaboração, um desses elementos é o público a quem será destinado, visto que cada esfera da comunicação apresenta diferentes necessidades de construção e interpretação. Daremos ênfase a esfera da literatura infantil, o meio em que a imaginação, o sonhar, o brincar e o criar são elementos-chaves para sua interpretação. Dessa forma cabe destacar que textos narrativos direcionados respectivamente para crianças, auxiliam na sua formação leitora, visto que a literatura direcionada a crianças é um meio diferente, pois necessita ser pensado de acordo com o público a quem irá ser destinado e nesse caso o público necessita de ludicidade, uma vez que o lúdico já é um elemento que permeia o contexto da criança.

Os textos narrativos direcionados para crianças auxiliam na sua formação leitora desde o período em que ainda são bebês, pois é nesse momento em que os pais destinam momentos para lerem para seus filhos. Segundo Abramovich (1995, p.16): “o primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente pelo pai, mãe ou avós, que contam histórias infantis, trechos bíblicos e até mesmo histórias inventadas”. Tais textos, ainda segundo a autora, estão cheios de magia onde príncipes e princesas constroem seus castelos e lutam contra o mal ou heróis e heroínas defendem o planeta contra monstros que estão prestes a destruí-lo. A criança neste momento passa a conhecer personagens, contextos, ações, sonhos, imagens, palavras, dentre outros elementos que estão presentes na contação de histórias. Abramovich acredita que o mais importante é o criar, criar contextos em seu subconsciente onde seus personagens resolvem suas lutas, demonstrando que a imaginação torna a interpretação ainda mais fácil neste momento, onde a criança está começando a conhecer um mundo literário.

Esse primeiro contato com o universo literário se dá pelo processo de ouvir, sugere a autora. Neste caso, ouvir o outro dramatizar a narrativa, contar de forma simples e clara, mas também de maneira dramática, singela, tem que, por sua vez, trazer na tonalidade da voz as belezas escondidas em meio as letras e imagens presentes na página do livro, é demonstrar com o som se a princesa está apaixonada ou não, é trazer se o dragão destruí o mocinho apenas por meio do olhar, é demonstrar a melodia da bailarina apenas por meio da leitura fazendo com que ela dance em meio as palavras que saltam da sua boca. Para que se conte uma narrativa da forma que descrevemos é preciso conhecê-la e dramatizá-la.

Em relação à contação de histórias Abramovich destaca:

Para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... E tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declaração ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz. (ABRAMOVICH, 1995, p.18)

Pode-se perceber que o momento de contar a narrativa (história) é carregado de estratégias para que a criança interaja com o que está sendo posto para ela neste novo contexto literário. Dessa forma, as modificações que o adulto utiliza para chamar a atenção da criança são estratégias que permitem o desenvolvimento da aprendizagem, da autonomia, da imaginação, da resolução de problemas, pois a partir do momento em que a criança começa a construir seu mundo imaginário por meio da narrativa, ela passa a modificar o seu cognitivo e tende a construir novos saberes. É o que complementa Coelho (2001, p. 12):

(...) a história é importante alimento da imaginação. Permite a auto identificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida.

Fica evidente que a narrativa auxilia na formação leitora da criança de inúmeras formas, colaborando para que ela não apenas decodifique o texto, mas vá além, modificando e criando um novo contexto a partir do que a narrativa apresenta. Deduzimos, assim, que ao aguçar a imaginação o lúdico inerente à narrativa auxilie a criança a se tornar um leitor que não está assujeitado ao texto, mas interagindo com as ações narradas pelo narrador.

1.2 Elementos indispensáveis na narrativa para crianças

Sabe-se que o universo infantil se caracteriza por sua natureza lúdica e, portanto, muito rica ao imaginário, constituindo terreno fértil para alimentarmos por meio da literatura. Sabemos também que a criança desenvolve muito cedo a capacidade de compreender e narrar histórias. Sendo assim, o professor deve tomar as narrativas como uma forma de trazer novos elementos para o contexto da criança, uma vez que esse pequeno leitor necessita de elementos estruturais, visuais e linguísticos, que os aproxime do texto literário. A criança vê além do que está no texto, pois ela constrói um mundo no qual essa narrativa está se passando, de maneira que os elementos textuais devem ocasionar essa interpretação, pois elas leem de uma forma diferente, ou seja, mais interligada ao faz de conta, o que não implica dizer que a mesma não possa interligar um texto ao mundo real.

Vale ressaltar que nem sempre a criança foi encarada como um ser diferenciado, com gostos e interesses próprios: na antiguidade a criança era vista como um adulto em miniatura, tinha deveres a cumprir assim como o adulto, trabalho, ações, necessidades, de maneira que a infância não existia, pois desde cedo a criança convivia com o real do mundo adulto, com as ações e os problemas que não lhe cabiam enquanto criança.

Se não havia a noção de infância, o que dizer da literatura? Não se tinham livros destinados a esse público, a criança se soubesse ler, teria que ler livros direcionados ao público adulto, narrativas onde a fantasia não estava presente, mas sim uma complexidade tanto linguística como interpretativa. Com o passar do tempo essa situação se modifica e em meados do século XVII a literatura infantil tem início: a criança agora passa a ser vista como um indivíduo diferente do adulto que possui necessidades próprias. A partir, principalmente, do mundo moderno – período em que ocorrem diversas mudanças dentro do seio familiar, e com a reorganização do modelo de família a criança passa a ser reconhecida e valorizada, sendo vista a partir de então como um ser que merece ter seu gosto respeitado.

Sobre essa noção de infância, Cunha (1991, p. 22) declara:

Começa a ser considerado um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria diferenciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta.

Podemos compreender que a literatura direcionada a criança neste contexto tem um certo teor de formação social, visto que é direcionada a influenciar a construção de uma identidade adulta, sendo assim era comum encontrar textos que direcionassem a criança seguir exemplos do que era considerado certo para a sociedade, ou seja, textos nos quais a criança era direcionada a adotar valores que melhorassem suas ações enquanto ser social.

Posteriormente encontraremos uma literatura que tem como sua maior representação os contos de fadas - textos adaptados, reconstruídos e adotados para literatura infantil, tais como *Cinderela*, *O Barba Azul*, *Mãe Gansa*, *O Gato de Botas*, dentre outros, que figuram como exemplos das primeiras narrativas direcionadas para crianças - os Irmãos Grimm são uns dos principais representantes desta literatura.

No Brasil a literatura infantil também passa por modificações e ampliações, visto que mais autores se direcionam para esse novo contexto literário. Monteiro Lobato vem encantar o mundo infantil com o seu livro *Narizinho Arrebitado*, trazendo para o contexto infantil as ações de uma menina que sonha e modifica o seu contexto. O autor de Taubaté vem demonstrar que a fantasia é um elemento necessário para construção de textos literários infantis.

Mas o que se faz realmente necessário para construção de um bom texto narrativo para crianças? Podemos considerar que uma narrativa infantil possui diversas estruturas para chamar a atenção de seus leitores, visto que a criança tem que encontrar sempre algo novo dentro do texto, ações que a levem a querer mais e mais. Sendo assim, personagens, linguagem, temas, imagens, são alguns dos elementos que devem estar inseridos no texto de forma a fazer o seu leitor viajar entre a construção das palavras, permitindo que se possa criar o contexto, a imagem, a ação. Tudo isto dentro da imaginação da criança fará com que ela passe a construir, montar, sonhar, criar as imagens que desenharão o seu enredo mental, possibilitando uma interpretação extratexto, pois a criança além de interpretar o que está dito no texto, criará ações que ocasionem novas interpretações, novos pensamentos, novos inquietamentos, motivando-se, assim, a buscar novas narrativas.

Em relação a tais aspectos Cunha destaca que:

[...] é importante a narrativa linear, com tempo cronológico (e não psicológico), sem cortes e voltas ao passado (flash-back) ou a cenas paralelas, sem “fluxos de consciência”. Os recursos narrativos mais adequados à criança costumam formar o conto ou o romance de ação, nos quais predominam a intenção de distrair, sem outro compromisso que o de narrar uma história interessante. (CUNHA, 2003, p.)

Podemos perceber que Cunha deixa evidente que as narrativas infantis não devem possuir uma intencionalidade de forma a buscar uma consciência social ou um modelo a ser seguido, mas sim buscar distrair seu leitor. Para isso, a narrativa deve conter elementos que permita que a criança sonhe, imagine o que está a se passar na história, tendo, desse modo, sua imaginação aguçada. Há que se ressaltar que a literatura infantil deve estar livre de toda e qualquer finalidade formativa, devendo se mostrar emotiva, alegre, apaixonante, se quiser agradar ao pequeno leitor, afinal, ela (a literatura) já enuncia seu primeiro contato com a criança muito antes de seus leitores aprenderem a ler, começa pelo ato de as crianças ouvirem histórias contadas por mães, pais, avós, tias, irmãos, dentre outras pessoas que podem narrar histórias para esse público que não sabe ler ainda, mas que assim mesmo já é um leitor ativo. Sendo assim podemos compreender que o ouvir é o primeiro passo para interpretar e construir saberes literários, segundo Abramovich (1997), “[...] escutá-las é o início da aprendizagem para ser um bom leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo.” (p.16)

Ainda de acordo com essa autora, os livros que contenham imagens, desenhos, figuras, que possibilitem uma interpretação visual é indispensável na literatura infantil inicial, pois nesta fase a criança está começando a conhecer o universo literário, de maneira que essas imagens a ajudarão a construir sua interpretação.

Outro aspecto que merece a atenção na literatura infantil é a linguagem, de maneira que quanto mais ela se aproxime da língua falada, melhor para esses leitores mirins. Um léxico complexo, com palavras “difíceis” distancia a criança do texto, visto que ela não compreenderá tal verbete, que poderá fazer com que a mesma não retorne para a leitura desta obra. Sendo assim, a linguagem é um fator que deve ser pensado durante a elaboração dos textos infantis. O autor de obras infantis deverá buscar elementos que aproximem a criança do texto e não as

distancie, de maneira que a utilização de diálogos, figuras de linguagem simples, dentre outros elementos possibilitarão uma interação maior entre texto/meio/leitor, conforme sugere Cunha (2003, p.45):

O autor terá mais sucesso entre as crianças se evitar descrições e digressões longas, ainda que muito pitorescas, mas que não tenham nada com o fio de ação da história. Em geral, elas interrompem o caso, e o resultado não serão desejado pelo autor. É o que nos lembra Monteiro Lobato: “as narrativas precisam correr a galope, sem nenhum efeito literário”. Assim, a narração é mais agradável ao espírito infantil. Com relação às falas e aos pensamentos das personagens, a melhor apresentação é através do discurso direto. O diálogo, predominantemente no conto em geral, torna-se mais necessário ainda para crianças; ele atualiza a cena, presentifica os fatos, envolve mais facilmente o leitor que o discurso indireto, que fica a cargo do narrador. [...]

Seguindo essa linha de pensamento podemos continuar a descrever a narrativa infantil da seguinte forma: um texto no qual a imaginação é o elemento principal, a linguagem, por sua vez, deve ser simples e dinâmica, assim como com dinamicidade a criança se comporta. Já o enredo deve ser capaz de sair do livro e entrar na mente do seu leitor, possibilitando a construção de cenários inimagináveis, os personagens devem lutar contra a chatice do dia a dia, devem ser príncipes, princesas, sapos, meninas, meninos, animais de todas as espécies, mas devem sempre achar seu final em meio ao contexto narrativo. Já esse final deve ser feliz, cheio de festa, mesmo que essa festa não seja um festão de verdade, deve ser um fim no qual o personagem e o leitor fiquem felizes, afinal, a infelicidade não deve fazer parte da experiência infantil.

2 SOBRE A PRODUÇÃO DE ANA MARIA MACHADO

O universo literário infantil brasileiro possui diversos representantes, que o enriquecem. Atualmente temos um quadro de autores que trazem um mundo repleto de magia, de alegria, de batalhas e principalmente de imaginação, de maneira que esta área literária constitui um espaço rico em textos e autores, dentre os quais podemos destacar Ana Maria Machado, autora de obras como *História Meio ao Contrário*, *Bem do seu tamanho*, *Bisa Bia*, *Bisa Bel*, *Bento-que-bento-é-o-frade*, dentre outros. As obras desta autora nos possibilitam uma viagem pelos universos infantil e o juvenil, empreendendo ações que fazem as crianças sonharem, imaginarem, lutarem e principalmente ampliarem suas experiências a partir das vivências dos personagens dessas histórias.

Segundo as considerações trazidas por Lajolo (1983) em relação à Ana Maria Machado, podemos dizer que ela foi uma menina feliz, criada em meio ao mundo da fantasia e da imaginação, proporcionado por seus avós Ceciliano e Rita, que narravam histórias onde a fantasia proporcionava uma viagem a diversos mundos, de maneira que Ana, menina esperta e criativa, fugia em meio as letras e construía novos cenários e novas histórias.

Ana Maria Machado nasceu na cidade de Santa Tereza, localizada no estado do Rio de Janeiro, no dia 24 de dezembro de 1941 e com o passar do tempo se apaixonou pelo universo literário. Segundo a própria autora, aprende a ler antes de seus cinco anos de idade, o que ocasionou horas de divertimento em meio as aventuras de sua amada personagem *Narizinho* do livro *Reinações de Narizinho* do autor Monteiro Lobato.

Essa paixão pelo universo literário proporcionou que aos onze anos Ana publicasse pela primeira vez o texto intitulado “Arrastão”, que foi publicado na revista *Folclore*, fato que ocasionou segundo a autora uma felicidade imensa. Com o passar do tempo a fama e as publicações da autora crescem e a tornam uma das principais representantes da literatura infantil, de maneira que escreveu desde texto direcionados a crianças até a narrativas ficcionais para adultos. A fantasia presente na obra de Ana Maria Machado encanta e espanta seus leitores que encontram sempre algo novo dentro de seus textos, um novo olhar, uma nova aventura, um

novo personagem ou simplesmente um novo jeito de contar o que se já se tinha contado antes.

A autora ganhou diversos prêmios, dentre eles está o prêmio **João de Barro**, concedido a autora no ano de 1977 pelo livro *História Meio ao Contrário*, cujo sucesso foi tão grande que fez com que a autora publicasse livros que estavam guardados a muito tempo. Mas os prêmios não param por aí, nos anos 2000 a autora ganha o prêmio **Hans Christian Andersen**, o que consagrou a escritora como a melhor a autora do mundo na produção literária infantil. Tal premiação não ocorre uma única vez, posteriormente ela ganha mais uma vez a titulação de a melhor do mundo. Mas ela também recebeu no ano de 2001, o prêmio **Machado de Assis**, o maior prêmio concedido pela Academia Brasileira de Letras.

Podemos perceber que Ana Maria Machado é uma das maiores escritoras brasileiras, responsável por modificar a literatura infantil, trazendo um novo jeito de contar história, rompendo tradições e conceitos, possibilitando assim o surgimento de um novo universo literário infantil. Segundo a crítica em geral, existe um diálogo entre os textos de Machado e os de seu escritor favorito, Lobato. Lajolo (1983, p. 106) destaca que Ana Maria Machado passa a modificar o contexto literário da seguinte maneira:

Renovando de forma radical o temário da leitura infantil brasileira, Ana Maria Machado, que estreia nos anos 70, traz para seus textos várias marcas de seu tempo, um tempo em que a cultura brasileira tratava recuperar os fragmentos de sua imagem recente: a busca de uma linguagem própria que, de certo e de seu, tem apenas a consciência de seus limites.

Podemos afirmar, então, que a autora bebeu na fonte de Lobato, mas apresenta em seus textos um novo olhar, embora se identifique um encontro entre alguns de seus personagens femininos: a Narizinho de Lobato certamente influenciará a criação de Helena, de *Bem do seu tamanho*, de Ana Maria Machado: duas meninas que estão a frente de seu tempo, que buscam aventuras, que trazem o faz de conta para o contexto da criança leitora – Narizinho – menina espevitada do nariz arrebitado e Helena – menina corajosa e curiosa, que quer compreender o seu mundo e o mundo que a cerca não se contenta em saber apenas o que já sabe, busca novas oportunidades de aprender, de conhecer e principalmente de criar novas aventuras.

Lajolo sugere, portanto, que se lida a partir de uma outra chave interpretativa, podemos encontrar na obra de Lobato muitos pontos de aproximação entre alguns de seus personagens femininos na obra de Ana Maria Machado. Observe:

Nesse sentido, uma leitura contemporânea da obra de Lobato tem como tarefa atribuir novas dimensões à lonjura da cabana do Tio Barnabé, ou ao caturriso do Coronel Teodorico, ou à esperteza do saci que Pedrinho apanha no rodadoiro. Nessas novas leituras ganham também novos significados tanto o fogão de Tia Nastácia quanto a cadeirinha de pernas serradas na qual dona Benta, na varanda ou na sala, cerzia meias. Pontos cegos da obra de Lobato, estes são exemplos de tópicos que emergem, re-escritos, ao longo da obra de Ana. A menina Bonita do laço de fita e a Bisabel são exemplos bons dessa re-escritura, que se marca – entre outros traços – pela visão positiva do negro e pelo protagonismo da figura feminina. (LAJOLO, 2004, p. 18)

Um dos principais fatores que devemos destacar aqui está relacionada a representação feminina na obra de Ana Maria Machado: a autora vai trazer a representação de meninas, jovens e mulheres, fortes, decididas, sonhadoras, que buscam realizar desejos, que não temem o desconhecido, mas que não deixam de sonhar, de imaginar, de criar formas de responder suas inquietações. De maneira que ao feminizar o universo de suas obras, a autora acende outra luz para o universo literário infantil. Sendo assim, podemos dizer que Ana traz a continuação do pensamento lobatiano, mas que agora trata-se da representação de um povo que cresceu. Não temos aqui unicamente crianças corajosas, mas personagens que estão a se desenvolver dentro da obra, de maneira que o faz de conta proporciona para as personagens a construção de um novo cenário no qual existe seu desenvolvimento.

Ana Maria Machado apresenta um novo contexto à literatura infantil. Mesmo trazendo algumas marcas de Lobato, a autora cria enredos a partir dos quais podemos ir longe com a nossa imaginação através das ações dos personagens: através da viagem de Helena passamos a entender por que há momentos em que somos grandes para determinadas coisas, mas em outros somos muito pequenos para outras; ou ainda viajar entre os devaneios de Isabel, menina que perpassa o tempo e tem a possibilidade de encontrar três gerações de duas gerações de sua família, sua bisavó e sua bisneta, formando assim um diálogo entre o passado, o

presente e o futuro, de forma simples e clara que permite que a criança construa seu enredo mentalmente interagindo e interpretando a história que se passa; outra personagem marcante da autora é Nina, menina que não se sujeita ao contexto em que está inserida, de maneira que por meio da sua imaginação é capaz de fugir da mesmice de todos os dias e trazer novos elementos para seu contexto – demonstrando o quanto sonhar e criar é poderosamente mágico.

É por meio das diversas personagens de Ana Maria Machado que notamos em suas obras as marcas de uma linguagem do cotidiano, que se mescla à oralidade, além de muita clareza, possibilitando que os leitores entrem dentro do texto, de maneira que a autora busca trazer em seus textos uma linguagem acessível ao público infantil, trabalhando situações do real, brincadeiras, ações e dúvidas que qualquer criança tem em relação ao seu contexto social. Sendo assim, podemos dizer que encontramos uma melodia nos textos de Ana, visto a linguagem leva o seu leitor a um mundo lúdico, cheio de poesia e músicas que enriquecem seu contexto literário.

Observemos o que Lajolo (1983, p. 105) afirma em relação à linguagem da obra da autora:

E chegando a linguagem, chegamos a outra característica importante das histórias de Ana Maria: em todos seus textos, o trabalho com a linguagem é extremamente cuidadoso; percebe-se a intenção também lobatiana de deslitalizar a literatura infantil, aproximando seu discurso e mais possível do coloquial, do oral, do cotidiano. É como se o texto falasse a linguagem de suas personagens e, parece de seus virtuais leitores.

Podemos compreender que os textos de Ana Maria Machado, apesar de contemplarem algumas especificidades do mundo do faz de conta, não estão direcionados exclusivamente para crianças, visto que sua linguagem aproxima o leitor do texto, de maneira que um adulto poderá encontrar marcas de sua infância dentro dos enredos. Dessa forma, devemos ter em mente que a literatura infantil não é apenas para crianças, pois a única coisa que separa este texto do adulto é, como Coelho (2000, p. 29) salienta, “a natureza do seu leitor/receptor: a criança”, observe:

Vulgarmente a expressão ‘literatura infantil’ sugere de imediato a ideia de belos livros coloridos destinados à distração e ao prazer das crianças em lê-los, folheá-los ou ouvir suas histórias contadas por alguém. Devido a essa função básica, até bem pouco tempo, a

literatura infantil foi minimizada como criação literária e tratada pela cultura oficial como um gênero menor.

Os livros de Ana Maria Machado podem não apresentar imagens coloridas, figuras exuberantes, mas trazem uma linguagem magnífica, que proporciona o desenho mental do contexto ficcional da narrativa, possibilitando a interação autor/meio/leitor. Considerando esse aspecto, vale a pena lembrar o que a autora afirma ao se referir à Literatura infantil:

Literatura infantil não é aquela que se destina exclusivamente a ser lida pelas crianças, mas sim aquela que pode ser lida também pelas crianças. Mas que, isso nos parece óbvio, antes de mais nada deve ser literatura, e, como tal, capaz de ser fruída e apreciada pelos leitores em geral. (MACHADO apud BASTOS, 1995, p.57)

A autora deixa claro que os literários voltados para crianças necessariamente não precisa se destinar a uma faixa etária específica, devendo ser lidos e apreciados exclusivamente por crianças, afinal, o bom texto infantil agradará sempre o leitor mais experiente, pois sabemos que, enquanto literatura, toda manifestação artística ultrapassa a linha do tempo, podendo ser considerada moderna ontem, hoje e amanhã, ou ainda podendo ser vista como algo irrelevante no passado e nos dias atuais ser considerada como um marco literário. Neste caso, podemos compreender que o espaço literário é um contexto no qual a liberdade é sua principal representação, liberdade de expressão, representação, criação e, acima de tudo, liberdade de leitura e interpretação.

Uma das formas de transparecer essa liberdade literária é por meio da linguagem, de forma que o autor pode trazer para seus textos marcas do mundo de seus leitores, de forma que a língua torna-se um espaço de interação onde autor e texto devem dialogar para que assim não seja necessário trazer vocábulos eruditos que dificultem a compreensão, mas sim trazer de forma simples, mas bela, as representações linguísticas da língua, de modo que conhecer a língua nesse caso é indispensável. A esse respeito, convém lembrar o que Ana Maria Machado afirma:

O uso liberatório da linguagem é coloca-la a serviço da transparência. Literariamente, a linguagem pode ter vários sentidos, para que o leitor invente seus próprios significados. Mas gosto de usá-la sempre de forma transparente. Não para ocultar e velar, mas para revelar. Em momento algum, no entanto, eu acho que a

linguagem deveria ser simplificada. Em meus livros, não há condescendência, tatibitate nem barateamento da linguagem. Não há um pronome fora do lugar, a regência e a concordância são rigorosas. As rupturas são intencionais, têm uma função estilística. Acho essencial dominar a gramática para domá-la e partir para uma linguagem nova. (MACHADO apud. BASTOS, 1995, p.50)

Podemos perceber que a autora deixa claro que em suas obras não existe um “desrespeito” com a língua portuguesa, mas sim uma representação da língua brasileira, acessível, apresentando marcas da linguagem, mas de maneira correta, sem um empobrecimento do texto, pois apesar dessa linguagem oral, a forma como Machado escreve não ignora as regras da língua a que pertence sua escrita, de maneira que sua linguagem resgata a beleza da língua como ela é de fato. É o que assegura Lajojo:

A linguagem em Ana Maria Machado efetivamente resgata para a narrativa contemporânea brasileira, o prazer de uma relação textual sem contorcionismos inúteis de estrutura, ou proliferação de diálogos vazados num vocabulário rebuscado. A leitura flui, envolvendo o leitor com um registro literário isento de hermetismos, atestando, porém, o domínio da Língua Portuguesa em nível de excelência. (LAJOLO, 2004, p. 139)

Sendo assim, podemos dizer que falar das obras de Ana Maria Machado é abordar temas diversos, é construir sonhos, contextos e ações que permitem uma interpretação magnífica da beleza da ludicidade no contexto da criança, é ter a certeza de encontrar uma linguagem fluida, sem rodeios, que aproxima você do texto e do contexto do enredo. As obras desta autora são uma representação da sociedade à maneira de ontem, de hoje e de amanhã, pois ao lermos encontramos marcas de um passado não tão distante, mas também vemos ações de hoje presentes no enredo, como também temos a possibilidade de questionar se alguns dos fatos que pertencerão ao futuro próximo. Visto que alguns dos elementos como brincadeiras e músicas trazidos pela autora já não estão presentes na vida de muitas crianças hoje, mas nem por isso a obra não se torna atual, talvez esta seja a maior beleza dos textos de Ana, trazer momentos felizes do passado para demonstrar a beleza que podemos encontrar hoje na ludicidade da criança e por meio deste faz de conta criar novas ações e interpretações para os enredos desta autora.

4 IDENTIFICANDO OS TRAÇOS DE EMANCIPAÇÃO DA MENINA DE ANA MARIA MACHADO: leitura de *Bento-que-bento-é-o-frade*

3.1 Recontando o texto: *Bento-que-bento-é-o-frade*

A narrativa de Ana Maria Machado intitulada *Bento-que-bento-é-o-frade* (BBF) conta a história de uma menina sonhadora, que é capaz de perceber até mesmo a redondice da lua enquanto seus amigos sequer tinham pensado nesta possibilidade. Nita é uma personagem capaz de viajar entre diversos contextos apenas por meio de sua imaginação, constrói e desconstrói tudo o que está a sua volta, cria e recria objetos e ações, de maneira que podemos dizer que tal personagem é a representação da imaginação dentro do texto, mas de maneira, que traz uma imagem sonhadora e de contra partida decidida, capaz de mover céu e terra para demonstrar que seus pensamentos estão corretos e são meios de representar a beleza de ser criança, de ser capaz de sonhar e realizar por meio da sua imaginação.

A narrativa tem início com uma brincadeira conhecida por diversas pessoas, na qual meninos e meninas brincam nas calçadas, na rua, no quintal. Na história, depois do jantar um grupo de amigos saiam para rua para iniciar a brincadeira, a qual funcionava da seguinte maneira: temos um dos meninos que é o mestre e se encarrega de dá ordens as demais crianças; quem completa a ordem indicada primeiro torna-se o novo chefe e quem não consegue leva “bolo”, ou seja, palmadas na mão. Tal descrição fica evidente no seguinte trecho:

Na calçada, e se escondendo pelos quintais das casas da vizinhança, uma porção de meninos e meninas brincavam depois do jantar.

Quem passasse por ali naquela hora podia ouvir um gritando e os outros respondendo:

- Bento-que-bento-é-frade!
- Frade!
- Na boca do forno!
- Foro!
- Cozinhando bolo!
- Bolo!
- Fareis tudo o que seu mestre mandar?
- Faremos todos!
- E quem não fizer?
- Ganhará um bolo!
- Então cada um imita um bicho sem barulho... (MACHADO, 2003, p.05)

Podemos perceber que a brincadeira consiste em um diálogo, um pergunta e outro responde, levando sempre a uma ordem a ser seguida, é por meio desta ordem que surgem os primeiros questionamentos de Nita, de maneira que a personagem analisa o discurso propagado por Juca, primeiro mestre e um dos amigos que tentam demonstrar para Nita que o que ela está fazendo é errôneo. Cada palavra utilizada por Juca no discurso “Então cada um imita um bicho sem barulho” é interpretada por Nita, que traz o sentido das palavras dentro da frase, de maneira que ao contrário das outras crianças que começaram a interpretar macaco, pata choca de choquice achocolatada, galos, dentre outros, mas para a personagem todos esses animais fazem barulho, de modo que para Nita animal sem barulho mesmo, é “jiboia jiboando, ostra, bicho pau e não esse monte de bicho tudo barulhento”. Esse é o primeiro dos muitos conflitos que a personagem irá passar devido a sua capacidade de interpretar com a imaginação e de certa forma de maneira lógica. Sendo assim, podemos perceber que Nita, diferentemente dos outros personagens, interpreta por inteiro o sentido das palavras, de forma que a mesma é capaz de trazer argumentos suficientes para demonstrar que não está errada, chegando a contestar o resultado da brincadeira no momento em que todos creem que ela merece um “bolo”. Observe no fragmento a seguir:

- Dá a mão aí pra levar palmada.
- Nita não deixou e explicou:
- Olha, gente, eu não estou querendo criar caso. Todo mundo acha que Zé deve ganhar, então desta vez não vou brigar. Mas uma coisa eu sei: fui eu que ganhei. E não banco a boba, não. Pra levar bolo, eu não dou a mão.
- Iiii, Nita, não atrapalha – pediu Chico. – Você sabe que não dói, é só de brincadeira. Brincar de bento-que-beto-é-frade é assim. Quem ganha vira mestre. Quem não faz ganha bolo, leva palmada.
- Um bolo à-toa, um bolinho só, de leve, na mão – insistiu Zé.
- Não, não e não! – Teimou Nita. – Eu sei que é brincadeira e não dói. Mas é que eu fiz tudo o seu mestre mandou, fiz direitinho só que fiz do meu jeito. (MACHADO, 2003, p. 10)

Essa foi a primeira confusão de muitas outras. Nita não aceita o que seus amigos a impõem e logo quando a brincadeira recomeça, a personagem sai com outra “pérola” linguística, de maneira que o enunciado propagado na brincadeira é mais uma vez o pivô da confusão. Todos em um só tom conjugam o verbo fazer da forma ensinada pela professora, mas Nita grita meio desenhada com outros

“fazeremos todos”, no lugar de “faremos todos”. Seu amigo Zé interrompe logo a brincadeira e traz a correção segundo as normas gramaticais e, claro, segundo dona Jurema. Mas para justificar-se, Nita diz que não está na escola e sim brincando na rua com seus amigos, então ela pode utilizar a variável da língua não-padrão, pois o contexto em que está permite. Mas como é sábia essa personagem, traz até adequação discursiva para a brincadeira, veja:

- É, mas agora eu estou pensando. E sabem de uma coisa? Eu acho que não tem nada demais. Quando eu falo fazeremos na hora da brincadeira, não estou conjugando verbo nenhum, estou só brincando. Estou só dizendo umas palavras meio esquisitas que são de brincadeira. Como se fosse umas palavras mágicas. Como outras palavras que a gente diz quando está brincando ou ouvindo histórias. (MACHADO, 2003, p. 10)

Nita agora começa a ampliar seus horizontes, trazendo novos contextos, novos questionamentos para sua roda de amigos, de maneira que continua a analisar o sentido das palavras, mas desta vez não gramaticalmente, mas sim de forma a trazer suas dúvidas para dentro da brincadeira. Ela agora não analisa ordens do mestre, ou o enunciado inicial do mestre, Nita questiona o porquê desta brincadeira se chamar assim, **Bento-que-bento-é-o-frade**, de modo que a personagem traz seus pensamentos e expõem para seus amigos:

- Pensem bem. Que quer dizer essa coisa de bento-que-bento-é-o-frade? Não tem nada a ver com o frade. E forno não tem boca. E esse negócio de cozinhar bolo? Ninguém cozinha bolo, todo mundo bota bolo pra assar, ainda mais no forno. E no fim a gente ganha bolo palmada em vez de comer bolo de forno. (MACHADO, 2003, p.11)

É perceptível que Nita tem dúvidas que vão além do aspecto linguístico das palavras, ela questiona tudo o que está em seu contexto, a menina quer desvendar o mundo e descobrir o porquê de muitas coisas. Desta forma, é notável que os aspectos linguísticos no que diz respeito a questões de sentido das palavras é questionado por Nita em diversos momentos, formulando assim um diálogo entre a personagem e o texto, mas esses questionamentos são apenas a “base” para o que está por vir.

Os conflitos vão tomando um rumo que torna-se possível vermos uma relação de poder dentro da narrativa, relações estas presentes no cotidiano infantil não só de Nita, mas ela de certa forma é quem começa a questionar estas relações. De maneira que Ana Maria Machado vai elaborando diálogos nos quais vão sendo demonstradas essas relações, vejamos essa reflexão de Nita:

- É esse negócio de mandar; mandar, e a gente fazer. Tem sempre alguém mandando e a gente fazendo. Fazer tudo que o que seu mestre mandar. Tudo o que manda el-rei Nosso Senhor. Todo mundo tem mania de ficar mandando em criança sem parar. E a gente sempre obedecendo, obedecendo, obedecendo, sem cansar. Mas estou achando que agora eu cansei. (MACHADO, 2003, p. 16-17)

Percebemos neste trecho que a personagem contesta o fato de ter sempre alguém mandando nas crianças. De modo que a mesma passa a utilizar de argumentos para tal questionamento e, por meio desta necessidade saber o que permeia o contexto da criança em relação a questões de poder. Nita sai em uma viagem, buscando aventuras e quem sabe uma solução para este dilema de mandar e obedecer. Podemos perceber que neste contexto criado por Ana Maria Machado, a criança não é um indivíduo assujeitado ao meio, mas sim um sujeito capaz de questionar o que lhe é estranho ou curioso.

É por meio destes questionamentos que Nita resolve embarcar nesta viagem de aventuras, de maneira que esta viagem já teria sido iniciada bem antes, pois primeiro Nita viajou em meio ao fantástico mundo das palavras, trazendo novas interpretações, o que já é de fato uma aventura, mas para a menina isso não era suficiente, ela quer mais, quer conhecer todo mundo e o mundo todo: “vou sair por aí pra conhecer e ficar sabendo”, “[...] vou, mas volto um dia. Vou fazer igualzinho ao que diz nos livros: correr o mundo em busca de aventuras.” (MACHADO, 2003, p. 17) Mas o que seria aventura? Em relação a tal termo José Paulo Paes traz a seguinte explicação.

O substantivo português aventura vem do particípio futuro latino *adventurus* que significa “o que vaia acontecer”. Como o futuro é sempre uma incógnita, na própria etimologia da palavra aventura, estão implícitas, pois, as ideias de imprevisto, de desconhecido, de risco. Risco que, diferentemente do comum das pessoas, tão apegadas à segurança do seu mundo familiar e rotineiro, os heróis das histórias de aventuras amam enfrentar nas regiões ignotas até

onde os leva o imperativo de alguma missão ou o incentivo de alguma ambição. Graças às suas qualidades pessoais de coragem, força e astúcia, tais heróis conseguem sair vitoriosos dos riscos e finalmente cumprir a missão ou satisfazer a ambição que os estimulou a arrostá-los. (PAES, 2003, p. 07)

Como José Paulo Paes ressalta “aventura tem como significado o que vai acontecer”, de maneira que agora Nita passa a desvendar um novo mundo, cheio de novas ideias, novas ações, novas pessoas, mas principalmente novos sonhos. Nita sai em busca de respostas para suas inquietações, de maneira que tudo o que está ao seu redor é algo novo, mágico e fantasioso, mas todos esses elementos pertencem ao contexto infantil, pois o imaginar, o criar, o desvendar são elementos que constroem o mundo infantil.

Nessa viagem Nita conhece novos contextos e dentro destes contextos, novos amigos e o primeiro deles é Prequeté, um boneco de pau, que ajudará Nita nessa sua jornada de desventuras em série. Mas o início desta amizade não é muito convencional: Nita como sempre analisa cada vírgula que Prequeté fala, desta forma teremos novamente uma análise discursiva por parte dos personagens. Mas desta vez não é a menina quem analisa e sim Prequeté, trazendo novos valores para as palavras empregadas por Nita e por ele mesmo, de modo que palavras como *senhor* e *mandar*, por exemplo, aparecem com dois valores semânticos, um trazido por Nita e o outro por Prequeté. Para a menina o emprego da palavra *senhor* era de cunho respeitoso, enquanto para o boneco tratava-se de dono neste caso dono da menina; já o verbo *mandar* Nita empregou com o sentido de organizar, neste caso as ideias, mas o bonequinho sabichão trouxe a análise para o sentido de ordenar, dar ordens, mas logo a quem, a Nita, que não gostava de ser mandada por ninguém. Tal análise fica evidente no trecho - *Ordem de ordenar, organizar. Não foi ordem de ordenar, mandar. E chamei de senhor pra ser educada – explicou ela. – Mas não chamo mais. Fim de papo. E se o amigo aí me dá licença, vou andando.* (MACHADO, 2003, p. 21)

Apesar desse mal entendido, temos aí o começo de uma bela amizade, de maneira que Nita vai conhecer a família dos Prequetés e lá percebe valores que não achava serem certos, como a questão do mandar, das regras, do respeito, e a partir disso se desenvolve enquanto pessoa. Os Prequetés viviam da forma que Nita tinha como certa, pois não tinham regras, não obedeciam ninguém, de modo que faziam o que queriam, não precisavam que ninguém dissesse nada, eles já sabiam o que

queriam e por isso já faziam. Mas, devido a certas ações dos Prequetés, Nita percebe que regras e ordens se fazem necessários, pois nem tudo pode ser do jeito que queremos.

Posteriormente Nita deixa a família dos Prequetés e continua sua jornada. A floresta sai de cena e começa um lindo campo, onde uma porção de gente reunida e ocupada, martelava, pregava e cantava. A menina, sempre muito curiosa, foi logo tratar de saber o que se passava, até que descobriu que era um mutirão, mas a agora ficou mais confusa ainda, não sabia se era festa ou trabalho, pois todos estavam muito alegres mas também muito ocupados, até que o homem explicou, dizendo que eram as duas coisas, festa e trabalho. Essa afirmação deixou Nita mais confusa ainda, a garota não entende como podem estarem tão felizes por trabalhar e ainda mais de graça. O que se passava nesse trecho da história trava-se de um mutirão para construir uma casa para um amigo que precisava. Dessa forma, com todas as explicações que os companheiros de trabalho deram a Nita, ela compreendeu que ajudar ao próximo é gratificante, mas o que mais interessava a menina era descobrir onde seria a festa de comemoração, de modo que ela percebeu que a festa mesmo era por conta de que todos estavam juntos e contentes, ajudando ao outro e se ajudando também, pois como aquele velho ditado diz a união faz a força.

Nesse momento a pequena percebeu que já estava com saudades de casa, queria mesmo era contar as aventuras que passou. Dessa forma, seguiu viagem para voltar para casa e logo que chegou surpreendeu e foi surpreendida pelos amigos, pois a menina fazia falta, tanta falta que tudo tinha ficado triste e sem graça com sua partida. Segue a passagem do texto:

- Estávamos com tanta saudade de você! – falou Zé.
 - É, Nita, você nem imagina como estava fazendo falta... – disse Chico.
 - Tudo ficou chato e sem graça depois que você foi embora.
- E Juca completou:
- Isso mesmo! Ninguém ficava mais criando caso, tendo ideias, vendo as coisas ao contrário. Ficou todo mundo pensando igual o tempo todo, e isso era uma tristeza. (MACHADO, 2003, p. 41)

O desfecho da história não podia ser melhor, pois as crianças aprenderam que o que Nita fazia não era errado, mas sim algo mágico, ela criava novos conceitos, novas ações para aquela chatice do dia a dia, sendo assim, o mundo de

Nita era a representação do seu imaginário, dos seus sonhos, de maneira que os mesmos eram capazes de trazer sorrisos, de formular novas brincadeiras e de enriquecer o contexto em que vivia.

3.2 A construção da identidade da personagem Nita

Ao realizarmos a leitura da narrativa *Bento-que-bento-é-o-frade*, podemos perceber que existe uma intertextualidade com outros textos da autora Ana Maria Machado, pois nele encontramos elementos que nos remetem a outras obras, de maneira que existe uma relação dialógica entre este texto e outros contextos narrativos da autora. Por exemplo, a personagem Nita, menina decidida, que busca desvendar e descobrir novos conhecimentos, pessoa sonhadora, capaz de deixar tudo para traz e em busca de desvendar suas perguntas.

Podemos perceber que Nita traz traços de diversas personagens da autora, a exemplo de Helena, protagonista da narrativa *Bem do seu tamanho* que, assim como Nita, quer desvendar o mundo e responder seus questionamentos. Em ambas as narrativas a autora traz a representação de uma criança, mas de forma diferente, pois esta criança traz todo o contexto fantasioso e lúdico pertencente ao contexto infantil, mas, em contrapartida, traz elementos fortes como a personalidade e a determinação de lutar pelo que acredita, de buscar soluções para os problemas encontrados e principalmente traz a representação do novo, da curiosidade e da astúcia, características que permitem que suas personagens tragam um novo olhar acerca do que é ser criança dentro do universo literário de Ana Maria Machado.

Ana Maria Machado cria por meio de suas palavras na narrativa *Bento-que-bento-é-o-frade* uma personagem que não tem papas na língua, capaz de construir significados novos para algo corriqueiro que está presente em seu dia a dia. Nita, apesar de ser criança, tem curiosidade e garra para demonstrar com argumentos o que ela acha ser correto, trazendo assim uma nova visão acerca dos personagens de narrativas infantis, visto que, para muitos este tipo de narrativa deve trazer personagens simples, que não tem muita complexidade, mas no caso das personagens criados por essa autora, a complexidade não está por meio da construção enigmática do personagem, mas por meio de suas ações enquanto criança. Por meio de suas narrativas, Ana Maria Machado permite que a criança reflita, conforme destaca Peixoto (1997, p. 157):

Em grande parte de seus textos, Ana Maria Machado convida a criança a refletir sobre seu lugar no mundo. A construção pelas crianças de sua identidade em Ana Maria Machado, não tem conotação individualista, pois o *eu individual* não se constrói separadamente do *eu social*. E, nessa busca de situar-se no presente, é de fundamental importância à procura de suas raízes, o voltar-se para as experiências passadas de seus ancestrais étnicos, culturais ou políticos, na construção de referências que lhes permitam situar-se no presente, avançar na direção de um futuro melhor, mais justo. (PEIXOTO, 1997, p. 157)

A criança na narrativa *Bento-que-bento-é-frade* está representada por diversos personagens, Zé, Lúcia, Juca, Nita, mas dando ênfase para a personagem Nita, podemos dizer que ela é um ser que vê além do que o adulto está acostumado a enxergar, pois a menina consegue capturar a essência do objeto ou da pessoa que a cerca. Podemos dizer que Nita tem uma personalidade emancipada, visto que a mesma não quer ser dominada ou assujeitar-se a ordens de nenhum sujeito. Mesmo que essas ordens partam de simples brincadeira, Nita quer ser dona do seu próprio nariz, não desejando ser mandada ou mandar no outro, quer que exista um contexto onde não seja necessário regras, de modo que para a garota o que vale é a sua vontade, a sua imaginação, a sua forma de criar, de não ver o óbvio, mas sim analisar e interpretar para desvendar um novo significado, uma nova forma de ver o mundo e os objetos que nele existem.

Segundo Candido (2009) o personagem é um indivíduo fictício, mas é construído de tal maneira que é basicamente como se existisse uma extensão do ser real para o contexto literário, de maneira que os mesmos podem ser classificados segundo o autor como personagens de costumes ou personagens de natureza, de maneira que os personagens de costume trazem consigo marcas e personalidade forte, que podem influenciar no desenvolvimento das ações narrativas presentes no texto. Já em relação aos personagens de natureza, podemos compreender que este tipo de personagem é construído ao longo do enredo, pois eles não trazem características identificáveis logo no início da narrativa, eles se desenvolvem no decorrer do texto.

Seguindo essa abordagem, podemos considerar que Nita enquadra-se na descrição de um personagem de costume, pois desde o princípio da narrativa percebemos a personalidade forte e marcante da garota, de maneira que próprio narrador demonstra o quanto a menina é marcante: “A esta altura, você já conhece

essa garota e dá para adivinhar quem era a dona da voz. Isso mesmo! Nita!” (MACHADO, 2003, p. 10)

Podemos compreender que neste sentido Nita se aproxima do contexto real, onde encontramos aquela criança marcante que possui características que nos fazem lembrar delas de imediato, aquele sujeito que percebe o mundo por outra ótica. Nita é bem assim: aquela criança curiosa, cheia de energia, que quer conhecer tudo e todo mundo, de maneira que ela é a representação de diversas crianças na hora da brincadeira ou no momento de desvendar novos contextos. Ela representa a imaginação, o criar e o sonha que marca o universo infantil.

Vale lembrar que existe um relação entre Ana Maria Machado, Nita e o leitor, visto que Nita traz marcas da autora, como, por exemplo, a facilidade de brincar com palavras, de analisar e construir significados; já com os leitores a relação existente é de representação do real, do sonhar e do realizar, visto que Nita realiza seus sonhos, sai em busca de aventuras e posteriormente traz consigo uma aprendizagens.

Seguindo a linha de pensamento na qual defende-se que o personagem principal traz as marcas do autor do texto, podemos concluir que Nita é uma menina capaz de perpassar seu tempo, de ir além, de buscar novas formas de pensar, agir e compreender. Nita vem demonstrar, assim como a autora, que as palavras teem um valor muito importante na nossa vida, visto que são elas que representam nossos pensamentos, anseios, sentimentos, elas são a construção da nossa personalidade representada por meio do discurso seja ele oral ou escrito.

Nita passa por modificações no decorrer da narrativa: aprende e ensina, compreende que não precisa viver em um mundo sem regras para demonstrar o quanto a sua imaginação é capaz de ser criativa, compreende que as regras ajudam no desenvolvimento e que o diálogo é o melhor instrumento para se chegar a uma solução. Nita evolui durante o desenrolar dos fatos, tornando-se mais madura, mas sem deixar o faz de conta de lado ou a sua curiosidade. Ao contrário, ela faz com que essas características a auxiliem na vida. Sendo assim, podemos compreender que a personagem torna-se emancipada de suas ações, tornando-se, portanto, uma construtora de saberes e ações. A menina Nita compreende que a vida tem sempre dois lados e que se você busca fazer o bem a vida lhe retribuirá com o bem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Representar o universo infantil não é algo fácil, visto que a criança tem uma imaginação muito fértil e por esse motivo pode criar qualquer tipo de ação, aventura, jogos, enredos. Sendo assim, o escritor deve ter em mente que abordar de forma complexa ou utilizar de uma linguagem rebuscada não se enquadrarão muito bem neste perfil de leitor, de maneira que a criança que lê ou que ouve, quer encontrar personagens que os representem: querem ser princesas, príncipes, bailarinas, querem ser aquela criança curiosa e impaciente que não vê a hora de conhecer o mundo lá fora, quer saber porque é pequeno ou porque o sol é de dia e a lua é de noite, ela quer fantasia, sonho e, acima de tudo, quer se encontrar dentro do texto.

A análise de Nita nos permite afirmar que a personagem busca a liberdade por meio da sua imaginação. A menina quer se aventurar, conhecer tudo e todo mundo, de maneira que existe uma interrelação entre a personagem Nita da obra *Bento-que-bento-é-frade* e Helena de *Bem do seu tamanho*: as meninas apresentam uma nova forma de retratar o feminino na obra literária destinada ao público infantil. Ambas são decididas e querem encontrar respostas para seus problemas, de maneira que ambas saem uma viagem para encontrar aventuras e por meio desta viagem conseguem respostas para muitas de suas dúvidas, assim como as crianças as meninas querem desvendar e desbravar o novos contextos, querem fazer o sonho virá realidade.

Concluimos que Nita representa aquela criança sonhadora capaz de compreender e fazer ser compreendido de diversas maneiras. Enfim, Nita é uma menina cheia de garra e que faz tantas crianças sonharem e perceberem o quanto a brincadeira e a imaginação são importantes. Não foi atoa que Drummond tenha dito em agosto de 1977: “Fiquei deveras gamado/pela figura de Nita,/a criação de tão bonita/de Ana Maria Machado./Por onde quer que ela siga,/brota uma alegre verdade./Se bento-que-bento-é-o-frade,/ai Nita-que-Nita-amiga”.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5.ed. São Paulo: Scipione, 1995.
- BASTOS, D. (org). **Ana e Ruth: vinte e cinco anos de literatura**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1995.
- CÂNDIDO, Antônio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Ed. Perspectiva S. A., 1972.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- COELHO, Beth. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 2001
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e Prática**. 12 ed. São Paulo. Ática, 2003.
- LAJOLO, M. **Literatura comentada: Ana Maria Machado**. São Paulo: Abril, 2004.
- MACHADO, Ana Maria. **Bento que bento é o frade**. São Paulo: Salamandra, 2003.
- PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **Transgressão tem cara de criança: o espaço social da infância em Ana Maria Machado**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- PILLAR, Analice Dutra (Org.). **A Educação do Olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Editora Mediação, 4 ed., 2006.
- PULLIN, Elsa M. M.P.; MOREIRA, Lucinéia de S. G. **Prescrição de leitura na escola e formação de leitores**. Revista Ciências & Cognição, 2008.